

URBANISMO

Peritos da Secretaria do Patrimônio da União e da PBH vistoriaram ontem a desocupação do Aeroporto Carlos Prates às vésperas da entrega do projeto de destinação da área

# Check-in para nova rota



Lídia Vasconcelos, da PBH, acompanhou técnicos da União na visita às instalações do aeroporto desativado



Nos hangares os aviões são desmontados para remoção para a Pampulha e a Serra do Cipó

SÍLVIA PIRES E ISABELA BERNARDES

**N**a reta final de desocupação do Aeroporto Carlos Prates, na Região Noroeste de Belo Horizonte, uma equipe de peritos da Secretaria de Patrimônio da União (SPU) e da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) realizou uma visita técnica no terreno, ontem, para analisar as estruturas do aeródromo e dar andamento à nova destinação da área. A visita acontece poucos dias antes da entrega oficial do projeto da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) para o antigo moradial, marcada para segunda-feira, em Brasília. O plano do município prevê a construção de moradias populares e equipamentos públicos nas áreas de educação, saúde e lazer.

"Hoje (a vistoria) foi para fazer um ponto de controle sobre a situação atual da desocupação do aeroporto. Até mesmo para os técnicos da União verem que a desocupação já está acontecendo e em passo bem adiantado", disse Lídia Vasconcelos, assessora especial da secretaria de governo da prefeitura em coletiva de imprensa realizada na manhã de ontem. Durante a vistoria a pista de pouso e decolagem foi interditada oficialmente com a marcação de um X no asfalto.

Segundo Lídia Vasconcelos, os representantes da União chegaram a indicar intervenções necessárias no espaço, mas a visita ainda é uma etapa preliminar, e uma nova vistoria será marcada após a reunião em Brasília. "Eles apontaram algumas questões que seriam possíveis de manter, como estruturas de hangares de alvenaria e que não faz sentido desmanchar", detalhou.

O executivo municipal aposta no encontro com o secretário de Gestão do Patrimônio da União (SPU), Lúcio de Andrade, na segunda-feira, para dar andamento ao projeto e diz que a população também será ouvida. "Estamos muito otimistas. Esse foi um projeto construído a várias mãos, que ouviu a comunidade e que tem uma finalidade social muito grande", disse.

O projeto que será avaliado pela Secretaria de Coordenação e Governança do Patrimônio da União, também foi apresentado preliminarmente aos moradores de bairros vizinhos e, segundo a integrante do coletivo Atingidos pelo Prates, Luzia Barcelos, o grupo se reuniu com o poder municipal em outras ocasiões. Apesar da conversa, ela comenta um temor dos moradores com a possibilidade de enchentes.

"A prefeitura vai fazer um pré-projeto para os moradores e nos

apresentar. Assim que for divulgado, faremos uma análise de todos os detalhes. O nosso coletivo tem uma grande preocupação com a impermeabilização do solo, porque isso pode gerar enchente em outros locais. O terreno fica no topo de um morro e absorve muito a água das chuvas, caso a absorção seja pouca, pode ter problemas em regiões mais baixas. Mas, por enquanto, estamos aguardando a apresentação desse projeto para ampliar a discussão", diz.

Além disso, a segurança dos bairros durante as obras é motivo de preocupação. "Desejamos ter uma relação mais próxima com a Polícia Militar e Guarda Municipal, como uma ação preventiva, porque temos recedo dos moradores mais próximos ficarem vulneráveis durante o longo período de obras na região", finaliza.

■ PRAZO PARA LIBERAÇÃO

Após dois meses do encerramento das operações no Aeroporto Carlos Prates, algumas aeronaves ainda passam por manutenção antes de serem retiradas do local. O prazo para desocupação do espaço encerra no fim de julho. Na corrida para liberar as últimas aeronaves que ainda es-

tão no local, Sérgio Carneiro Corrêa, da Bergs Aviation, lamenta a decisão de fechamento do aeroporto e reclama do descaso com os profissionais do aeroporto. Segundo ele, duas aeronaves decolam na próxima semana com destino à Pampulha e à Serra do Cipó, e uma terceira, que está desmontada, segue de caminhão para um hangar na Serra do Cipó.

"É quem não tem essa facilidade, como faz? Temos muitas empresas pequenas aqui que a saída foi vender o avião por causa da logística que envolve manter esses aviões longe", afirma. Ele também prevê impactos negativos para o município. "É uma decisão tomada abruptamente, ir-

real, não considerando até as necessidades dos municípios. Os aviões de combate a incêndio atuavam aqui. Uma logística que não se encaixa em outro local. Quem diz o contrário não entende nada de aviação", afirmou.

Para Cláudio Jorge, proprietário da Claro Aviação, a alternativa é sair definitivamente de BH. Ele, que tem um hangar na Pampulha, conversou com a reportagem em abril, enquanto ainda não sabia o que fazer. De lá para cá, a empresa deixou completamente o Carlos Prates. "Estamos tentando sobreviver e, por enquanto, opero provisoriamente na Pampulha, à medida que busco alternativas no interior, com

uma filial em Pará de Minas. Mas há muitas dificuldades, porque os hangares desse aeroporto não são legalizados, não tem nem luz", explica.

Ele lamenta o tempo dado para a retirada completa. "No meu caso, consegui tirar todas as aeronaves e ferramentas. O que não deu foi a estrutura, porque fui eu que construí tudo. Dava para recuperar o galpão e isso teria amenizado bastante o prejuízo. A notificação, inicialmente, foi só de 10 dias para sair. Depois aumentaram para dois meses, mas naquela altura, não sabíamos se acabava um serviço de manutenção, tirava as aeronaves ou recuperava o galpão".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais Pagina: 5